

IMPACTO DA DOENÇA REUMATOLÓGICA AUTOIMUNE EM MULHERES GRÁVIDAS: AVALIAÇÃO DE COMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS E TERAPIAS CIRÚRGICAS

Luciana Fonseca de Moura¹
Laura Bonfim Viana²
Marco Antonio Barbosa de Oliveira³
Bruno Rocha Gelape⁴

RESUMO: Introdução: O impacto das doenças reumatológicas autoimunes em mulheres grávidas apresenta um desafio significativo tanto para a saúde materna quanto para a fetal. Essas condições, que incluem lúpus eritematoso sistêmico, artrite reumatoide e síndrome de Sjögren, podem exacerbar complicações obstétricas e influenciar a eficácia das terapias empregadas. A presença dessas doenças durante a gestação está associada a um aumento nos riscos de parto prematuro, pré-eclâmpsia e restrição do crescimento fetal, tornando essencial a compreensão de suas implicações para um manejo adequado. A literatura científica tem se debruçado sobre essas interações complexas, mas um levantamento sistemático é necessário para compilar e analisar os dados existentes. Objetivo: Examinar as complicações obstétricas associadas a doenças reumatológicas autoimunes em mulheres grávidas, bem como avaliar as terapias cirúrgicas utilizadas e seus impactos na saúde materno-fetal. Metodologia: A revisão foi conduzida seguindo o checklist PRISMA, utilizando as bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science. Os descritores empregados foram "doenças reumatológicas", "gravidez", "complicações obstétricas", "terapias cirúrgicas" e "autoimunidade". Os critérios de inclusão consistiram em: artigos publicados nos últimos 10 anos, estudos envolvendo gestantes com doenças reumatológicas autoimunes e publicações em inglês, português ou espanhol. Foram excluídos artigos que abordaram apenas doenças reumatológicas não autoimunes, estudos em animais e revisões de literatura que não apresentaram dados originais. Resultados: Os resultados revelaram uma correlação significativa entre doenças reumatológicas autoimunes e um aumento na taxa de complicações como abortos espontâneos, hipertensão gestacional e complicações neonatais. Adicionalmente, as terapias cirúrgicas, embora necessárias em alguns casos, apresentaram riscos adicionais, demandando uma avaliação cuidadosa de seus benefícios e desvantagens para a saúde da mãe e do feto. Conclusão: A análise evidenciou que as doenças reumatológicas autoimunes em gestantes requerem um acompanhamento rigoroso e estratégias de manejo adaptadas. A compreensão das complicações associadas e das terapias disponíveis é vital para melhorar os desfechos obstétricos e neonatais, ressaltando a importância de uma abordagem multidisciplinar no cuidado dessas pacientes.

3892

Palavras-chave: Doenças reumatológicas. Gravidez. Complicações obstétricas. Terapias cirúrgicas. Autoimunidade.

¹ Acadêmico medicina, Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC.

² Acadêmica medicina, Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais- FCMMG.

³ Médico, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

⁴ Médico, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC, MG.

INTRODUÇÃO

As doenças reumatológicas autoimunes têm um impacto significativo na gestação, trazendo à tona uma série de complicações obstétricas que merecem atenção especial. Essas condições, como o lúpus eritematoso sistêmico e a artrite reumatoide, aumentam as taxas de complicações, como abortos espontâneos, pré-eclâmpsia e partos prematuros. Mulheres grávidas que sofrem com essas doenças enfrentam um risco maior de eventos adversos, que podem afetar tanto sua saúde quanto a do bebê. A pré-eclâmpsia, por exemplo, é uma condição que pode levar a complicações graves, como insuficiência renal e problemas no desenvolvimento fetal, exigindo monitoramento rigoroso e intervenções apropriadas.

Além das complicações que afetam diretamente a gestante, as doenças reumatológicas autoimunes também têm repercussões na saúde fetal. O risco de restrição do crescimento intrauterino é aumentado, assim como a probabilidade de complicações neonatais, que podem incluir problemas respiratórios e outras condições que requerem cuidados especiais após o nascimento. Essas implicações tornam essencial que gestantes com doenças autoimunes sejam acompanhadas de perto, permitindo que os profissionais de saúde adotem estratégias para minimizar riscos e promover melhores desfechos para mãe e filho. Compreender esses aspectos é fundamental para garantir uma gestação segura e saudável em mulheres que enfrentam essas condições complexas.

3893

O manejo terapêutico de doenças reumatológicas autoimunes durante a gestação é um aspecto crucial que exige uma abordagem cuidadosa e individualizada. Os medicamentos frequentemente utilizados no tratamento dessas condições podem ter efeitos adversos tanto na mãe quanto no feto, o que torna necessário avaliar continuamente os riscos e benefícios de cada terapia. Profissionais de saúde precisam estar atentos às particularidades de cada paciente, considerando fatores como a gravidade da doença, o estágio da gestação e a presença de comorbidades. Isso garante que as opções de tratamento sejam seguras e eficazes, permitindo um equilíbrio entre o controle da doença e a proteção da saúde fetal.

A importância do acompanhamento multidisciplinar também se destaca nesse contexto. O cuidado eficaz para gestantes com doenças autoimunes requer a colaboração entre reumatologistas, obstetras, pediatras e outros especialistas. Essa equipe integrada permite uma troca de informações valiosa, garantindo que todos os aspectos da saúde da mulher e do bebê sejam abordados de maneira abrangente. A comunicação entre os profissionais facilita a

identificação precoce de complicações e a implementação de intervenções adequadas, contribuindo para a melhoria dos desfechos.

Além disso, a educação e o suporte emocional são fundamentais para mulheres grávidas que enfrentam doenças reumatológicas autoimunes. Informações claras sobre suas condições, possíveis complicações e opções de tratamento ajudam a reduzir a ansiedade e a promover um senso de controle. O apoio psicológico e social também desempenha um papel vital, pois a gestação já é um período desafiador, e o manejo de uma condição crônica pode gerar estresse adicional. A combinação de educação, suporte emocional e acompanhamento profissional fortalece a capacidade dessas mulheres de lidar com os desafios, favorecendo uma experiência gestacional mais positiva.

OBJETIVO

A revisão sistemática de literatura tem como objetivo analisar as complicações obstétricas associadas a doenças reumatológicas autoimunes em mulheres grávidas. Busca-se avaliar as diferentes terapias disponíveis e suas implicações na saúde materno-fetal, considerando a eficácia e os riscos envolvidos. Além disso, a revisão se propõe a reunir dados que ajudem a esclarecer a importância do acompanhamento multidisciplinar e da educação para as gestantes. A partir da análise dos estudos existentes, pretende-se fornecer uma visão abrangente que auxilie na construção de diretrizes mais seguras e eficazes para o manejo dessas condições durante a gestação. Essa investigação visa, assim, contribuir para melhores desfechos e qualidade de vida para mulheres que enfrentam esse desafio.

3894

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a revisão sistemática seguiu rigorosamente o protocolo do checklist PRISMA, garantindo uma abordagem sistemática e transparente na seleção de estudos relevantes. As bases de dados consultadas incluíram PubMed, Scielo e Web of Science, permitindo uma ampla busca de literatura sobre o tema. Os descritores utilizados foram “doenças reumatológicas”, “gravidez”, “complicações obstétricas”, “terapias cirúrgicas” e “autoimunidade”, que possibilitaram a identificação de artigos pertinentes.

Os critérios de inclusão foram estabelecidos de forma a garantir a relevância e a qualidade dos estudos selecionados. Assim, foram incluídos artigos publicados nos últimos 10 anos, que abordaram especificamente gestantes com doenças reumatológicas autoimunes. Além

disso, foram considerados apenas estudos que apresentaram dados originais e que estavam disponíveis em inglês, português ou espanhol. A inclusão também se baseou na análise de artigos que discutiram complicações obstétricas e estratégias de manejo terapêutico, proporcionando uma visão abrangente do tema.

Os critérios de exclusão foram igualmente rigorosos, visando filtrar informações que não contribuíssem para a revisão. Foram excluídos estudos que abordaram apenas doenças reumatológicas não autoimunes, garantindo que o foco permanecesse nas condições autoimunes. Também foram desconsiderados artigos que se restringiram a populações pediátricas ou que não apresentaram dados relevantes para a gestação. A exclusão se estendeu a revisões de literatura que não incluíram dados originais, bem como a estudos que não estavam disponíveis em um dos idiomas estabelecidos.

Esse processo metodológico rigoroso permitiu a construção de uma base sólida para a análise das complicações obstétricas e das intervenções terapêuticas em mulheres grávidas com doenças reumatológicas autoimunes, assegurando a relevância e a qualidade das informações coletadas.

RESULTADOS

3895

As complicações obstétricas aumentadas em mulheres grávidas com doenças reumatológicas autoimunes são um aspecto crítico que demanda atenção. Esses pacientes frequentemente enfrentam um risco elevado de abortos espontâneos, que ocorrem devido à natureza inflamatória das condições autoimunes. Além disso, a pré-eclâmpsia, caracterizada por hipertensão e comprometimento orgânico, é uma complicação comum. Estudos demonstram que a presença de doenças reumatológicas, como o lúpus eritematoso sistêmico, está associada a uma maior incidência dessa condição, o que pode resultar em desfechos adversos tanto para a mãe quanto para o feto. A monitorização constante é, portanto, essencial para a detecção precoce dessas complicações e para a implementação de intervenções apropriadas.

Além disso, as gestantes com doenças reumatológicas autoimunes podem apresentar outras complicações obstétricas, como partos prematuros e hemorragias, que podem ser atribuídas a distúrbios da coagulação e ao tratamento farmacológico. A necessidade de acompanhamento médico rigoroso se torna evidente, pois as decisões sobre o manejo da saúde da gestante precisam ser tomadas em tempo hábil. Os profissionais de saúde devem estar atentos a esses riscos, ajustando as estratégias de monitoramento e tratamento para minimizar

as complicações e promover a saúde materno-fetal. Dessa forma, o reconhecimento das complicações associadas às doenças reumatológicas autoimunes é fundamental para garantir um cuidado mais seguro e eficaz.

Os riscos para a saúde fetal são uma preocupação significativa durante a gestação em mulheres que sofrem de doenças reumatológicas autoimunes. As condições inflamatórias podem impactar o desenvolvimento do feto, resultando em restrição do crescimento intrauterino, que é uma complicação que afeta negativamente a saúde e o bem-estar do recém-nascido. Pesquisas mostram que a exposição a medições de inflamação e a medicamentos imunossupressores pode interferir na formação e no desenvolvimento adequado do feto. Portanto, o acompanhamento pré-natal deve incluir avaliações rigorosas do crescimento fetal, permitindo intervenções precoces quando necessário.

Além disso, as complicações neonatais, que incluem problemas respiratórios e distúrbios metabólicos, são frequentemente observadas em bebês de mães com doenças reumatológicas autoimunes. Esses bebês podem necessitar de cuidados intensivos logo após o nascimento, o que ressalta a importância de um planejamento cuidadoso e de um gerenciamento proativo durante a gestação. Os profissionais de saúde devem informar as gestantes sobre esses riscos, promovendo um entendimento claro das implicações de suas condições para a saúde de seus filhos. Dessa forma, a prevenção e a intervenção precoce são essenciais para garantir que as gestantes recebam o suporte necessário para minimizar os riscos à saúde fetal.

3896

O manejo terapêutico em gestantes com doenças reumatológicas autoimunes representa um desafio significativo, uma vez que envolve a necessidade de equilibrar a eficácia do tratamento com a segurança da saúde materno-fetal. A escolha dos medicamentos deve ser cuidadosamente considerada, pois muitos dos fármacos utilizados para tratar essas condições apresentam potenciais efeitos adversos durante a gestação. Os profissionais de saúde frequentemente enfrentam a tarefa de selecionar opções terapêuticas que não apenas controlem a atividade da doença, mas que também minimizem os riscos para o feto. Assim, é essencial realizar uma avaliação contínua da situação clínica da paciente, levando em conta fatores como a gravidade da doença, o histórico de tratamento e as particularidades da gestação.

Adicionalmente, a comunicação clara entre o médico e a paciente é crucial para a tomada de decisões informadas. As gestantes devem ser educadas sobre os possíveis efeitos colaterais dos medicamentos e a importância do acompanhamento regular. Essa orientação permite que elas se sintam mais seguras e atentas às mudanças em seu estado de saúde. Um manejo adequado

pode incluir a modificação de terapias conforme a gestação avança, garantindo que as necessidades da mulher sejam atendidas sem comprometer a saúde do feto. Dessa forma, um acompanhamento proativo e flexível se torna um pilar fundamental para o sucesso do tratamento.

A importância do acompanhamento multidisciplinar em gestantes com doenças reumatológicas autoimunes não pode ser subestimada, uma vez que essa abordagem integrada é fundamental para proporcionar cuidados de alta qualidade. A colaboração entre reumatologistas, obstetras, pediatras e outros especialistas permite uma troca de informações valiosa, que é essencial para a identificação precoce de complicações. Essa equipe multidisciplinar contribui para o desenvolvimento de planos de tratamento abrangentes, que consideram todas as dimensões da saúde da mulher e do bebê, assegurando que as intervenções sejam adequadas e oportunas.

Além disso, o acompanhamento multidisciplinar favorece uma abordagem holística que aborda tanto os aspectos físicos quanto os emocionais da gestante. O suporte psicológico é particularmente importante, visto que a gestação em condições autoimunes pode gerar ansiedade e estresse adicionais. A inclusão de profissionais de saúde mental na equipe de cuidados pode proporcionar um ambiente de suporte que favorece o bem-estar geral da paciente. Portanto, a integração de diferentes áreas da medicina é essencial para otimizar os resultados e garantir que as gestantes recebam um atendimento completo e personalizado, promovendo uma experiência gestacional mais segura e saudável.

3897

O manejo terapêutico em gestantes com doenças reumatológicas autoimunes representa um desafio significativo, uma vez que envolve a necessidade de equilibrar a eficácia do tratamento com a segurança da saúde materno-fetal. A escolha dos medicamentos deve ser cuidadosamente considerada, pois muitos dos fármacos utilizados para tratar essas condições apresentam potenciais efeitos adversos durante a gestação. Os profissionais de saúde frequentemente enfrentam a tarefa de selecionar opções terapêuticas que não apenas controlem a atividade da doença, mas que também minimizem os riscos para o feto. Assim, é essencial realizar uma avaliação contínua da situação clínica da paciente, levando em conta fatores como a gravidade da doença, o histórico de tratamento e as particularidades da gestação.

Adicionalmente, a comunicação clara entre o médico e a paciente é crucial para a tomada de decisões informadas. As gestantes devem ser educadas sobre os possíveis efeitos colaterais dos medicamentos e a importância do acompanhamento regular. Essa orientação permite que

elas se sintam mais seguras e atentas às mudanças em seu estado de saúde. Um manejo adequado pode incluir a modificação de terapias conforme a gestação avança, garantindo que as necessidades da mulher sejam atendidas sem comprometer a saúde do feto. Dessa forma, um acompanhamento proativo e flexível se torna um pilar fundamental para o sucesso do tratamento.

A importância do acompanhamento multidisciplinar em gestantes com doenças reumatológicas autoimunes não pode ser subestimada, uma vez que essa abordagem integrada é fundamental para proporcionar cuidados de alta qualidade. A colaboração entre reumatologistas, obstetras, pediatras e outros especialistas permite uma troca de informações valiosa, que é essencial para a identificação precoce de complicações. Essa equipe multidisciplinar contribui para o desenvolvimento de planos de tratamento abrangentes, que consideram todas as dimensões da saúde da mulher e do bebê, assegurando que as intervenções sejam adequadas e oportunas.

Além disso, o acompanhamento multidisciplinar favorece uma abordagem holística que aborda tanto os aspectos físicos quanto os emocionais da gestante. O suporte psicológico é particularmente importante, visto que a gestação em condições autoimunes pode gerar ansiedade e estresse adicionais. A inclusão de profissionais de saúde mental na equipe de cuidados pode proporcionar um ambiente de suporte que favorece o bem-estar geral da paciente. Portanto, a integração de diferentes áreas da medicina é essencial para otimizar os resultados e garantir que as gestantes recebam um atendimento completo e personalizado, promovendo uma experiência gestacional mais segura e saudável.

O impacto emocional e psicológico das doenças reumatológicas autoimunes durante a gestação é um aspecto de grande relevância que frequentemente é subestimado. Mulheres que lidam com essas condições enfrentam não apenas os desafios físicos impostos pela doença, mas também um conjunto de preocupações emocionais e mentais que podem influenciar sua qualidade de vida. A ansiedade relacionada ao manejo da saúde, os riscos potenciais para o bebê e as limitações impostas pela doença podem resultar em estresse significativo. Esse estado emocional pode, por sua vez, afetar a saúde geral da gestante, contribuindo para complicações adicionais durante a gravidez.

Além disso, o suporte psicológico torna-se fundamental para ajudar essas mulheres a navegarem por esses desafios. O acesso a serviços de saúde mental, como terapia individual ou grupos de apoio, proporciona um espaço seguro para que compartilhem suas experiências e

sentimentos. A educação sobre a doença e suas implicações também desempenha um papel crucial na redução da incerteza e do medo, permitindo que as gestantes se sintam mais capacitadas em relação ao seu tratamento e à sua saúde. Assim, promover um ambiente de apoio emocional e psicológico é essencial não apenas para o bem-estar da mãe, mas também para o desenvolvimento saudável do feto, reforçando a importância de uma abordagem integrada que considere todos os aspectos da saúde da mulher durante a gestação.

A educação da gestante sobre sua condição de saúde é um aspecto fundamental que influencia diretamente a sua experiência durante a gravidez. Compreender as especificidades das doenças reumatológicas autoimunes e suas implicações permite que as mulheres se tornem ativas participantes em seu tratamento. A informação adequada sobre a doença, os possíveis riscos e as opções de manejo terapêutico ajuda a reduzir a ansiedade e a incerteza. As gestantes que recebem orientação clara tendem a tomar decisões mais informadas, o que pode resultar em um controle mais eficaz da condição e na promoção de um ambiente saudável para o desenvolvimento do bebê.

Além disso, as estratégias educativas devem incluir não apenas informações sobre a doença, mas também orientações sobre hábitos saudáveis, como alimentação equilibrada, prática de exercícios adequados e técnicas de gerenciamento de estresse. O empoderamento das gestantes por meio da educação favorece a adesão ao tratamento e a realização de consultas regulares. Dessa forma, a promoção de programas de educação em saúde, que contemplem tanto aspectos físicos quanto emocionais, se revela essencial para garantir uma gestação segura e bem-sucedida.

O monitoramento constante da saúde materno-fetal é uma prática indispensável para gestantes que lidam com doenças reumatológicas autoimunes. A vigilância regular permite a detecção precoce de complicações, além de possibilitar a avaliação contínua da eficácia das intervenções terapêuticas. Consultas periódicas e exames de acompanhamento são necessários para ajustar o tratamento conforme a evolução da gravidez, assegurando que tanto a mãe quanto o feto estejam em condições saudáveis. Essa abordagem não apenas proporciona segurança, mas também oferece uma oportunidade para os profissionais de saúde abordarem preocupações e dúvidas das gestantes, fortalecendo a relação entre paciente e médico.

Ademais, o monitoramento deve ser multidimensional, contemplando aspectos físicos, emocionais e sociais da saúde da gestante. O registro detalhado de sintomas, possíveis alterações e a resposta ao tratamento proporciona um panorama completo que auxilia na tomada de

decisões. Profissionais de saúde, portanto, devem trabalhar em conjunto para criar um plano de acompanhamento que inclua avaliações de risco e estratégias de intervenção personalizadas. Essa prática contribui para a minimização de complicações e para a maximização da saúde e bem-estar durante toda a gestação, ressaltando a importância de uma abordagem abrangente e proativa.

As terapias cirúrgicas em gestantes com doenças reumatológicas autoimunes são um tema que exige cuidadosa consideração, dada a complexidade das condições que essas mulheres enfrentam. Embora a cirurgia possa ser necessária em alguns casos, como em situações de agravamento da doença ou em casos de complicações não controláveis por tratamento clínico, é crucial avaliar os riscos envolvidos. A intervenção cirúrgica durante a gestação pode acarretar consequências tanto para a mãe quanto para o feto, incluindo o aumento do risco de parto prematuro e de complicações anestésicas. Portanto, a decisão de proceder com uma cirurgia deve ser tomada após uma análise minuciosa dos benefícios e riscos, considerando a urgência da situação clínica.

Ademais, a escolha do momento ideal para realizar a cirurgia é um aspecto vital na gestão desses casos. Idealmente, a intervenção deve ser programada para o segundo trimestre, quando os riscos associados à cirurgia são relativamente menores. Essa estratégia permite que a equipe médica minimize as complicações e, ao mesmo tempo, assegure que a saúde da gestante e do feto não seja comprometida. A comunicação aberta entre a paciente e os profissionais de saúde é fundamental, permitindo que a gestante compreenda as razões para a cirurgia e os cuidados necessários antes, durante e após o procedimento. Essa abordagem cuidadosa ajuda a garantir a segurança e a saúde de ambos, a mãe e o bebê.

A implementação de estratégias de prevenção de complicações obstétricas é essencial para melhorar os desfechos em gestantes que sofrem de doenças reumatológicas autoimunes. Medidas preventivas, como a monitorização regular da pressão arterial e da atividade da doença, podem reduzir significativamente o risco de complicações como a pré-eclâmpsia. Além disso, a promoção de um estilo de vida saudável, que inclua dieta balanceada e atividade física apropriada, é fundamental para fortalecer a saúde geral da gestante. As intervenções devem ser personalizadas, levando em consideração as especificidades de cada condição reumatológica e as necessidades individuais da mulher.

Para além dessas estratégias, o suporte social e psicológico também desempenha um papel crucial na prevenção de complicações. O envolvimento da família e de grupos de apoio

pode proporcionar um ambiente positivo, essencial para o bem-estar emocional da gestante. O fortalecimento da rede de apoio social, combinado com um acompanhamento médico rigoroso, resulta em uma abordagem abrangente que busca não apenas tratar, mas também prevenir complicações, garantindo uma gestação mais segura e saudável. Essa abordagem integrada é fundamental para otimizar a saúde materna e fetal, contribuindo para melhores desfechos ao longo da gravidez.

CONCLUSÃO

A análise das implicações das doenças reumatológicas autoimunes em mulheres grávidas evidenciou que esse grupo de pacientes enfrenta um conjunto único de desafios e riscos que requerem atenção especial. Estudos anteriores destacaram que as complicações obstétricas, como abortos espontâneos, pré-eclâmpsia e partos prematuros, ocorrem com maior frequência em gestantes com essas condições, o que exige um monitoramento rigoroso e intervenções adequadas. A interação entre a atividade da doença e as alterações fisiológicas da gestação pode agravar os desfechos, tornando o acompanhamento contínuo indispensável.

Os resultados também ressaltaram a importância do manejo terapêutico, que deve ser realizado de maneira cautelosa para equilibrar a eficácia do tratamento com a segurança materno-fetal. A escolha dos medicamentos requer uma avaliação criteriosa, dado que muitos fármacos podem ter efeitos adversos na gestação. Estudos demonstraram que a educação das gestantes sobre suas condições e opções de tratamento não apenas promove uma melhor adesão às terapias, mas também proporciona um senso de controle que pode reduzir a ansiedade e melhorar o bem-estar emocional.

Além disso, a colaboração multidisciplinar se destacou como uma estratégia fundamental no cuidado dessas mulheres. A atuação conjunta de reumatologistas, obstetras e outros especialistas foi considerada crucial para a identificação precoce de complicações e para a elaboração de planos de tratamento adaptados às necessidades individuais. As práticas de monitoramento contínuo e as intervenções personalizadas resultaram em melhores desfechos para mães e bebês, demonstrando que a abordagem integrada é essencial para otimizar a saúde materna e fetal.

Por fim, o suporte emocional e social foi identificado como um componente vital no manejo dessas condições. O envolvimento da família e o acesso a grupos de apoio têm um impacto positivo no bem-estar psicológico das gestantes, contribuindo para uma experiência

gestacional mais tranquila. Portanto, as conclusões reforçam que, para garantir a saúde e a segurança de mulheres grávidas com doenças reumatológicas autoimunes, é fundamental adotar uma abordagem holística que inclua cuidados médicos adequados, suporte emocional e uma educação eficaz, criando assim um ambiente propício para a gestação e o desenvolvimento fetal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Pons-Estel BA, Bonfa E, Soriano ER, Cardiel MH, Izcovich A, Popoff F, Criniti JM, Vásquez G, Massardo L, Duarte M, Barile-Fabris LA, García MA, Amigo MC, Espada G, Catoggio LJ, Sato EI, Levy RA, Acevedo Vásquez EM, Chacón-Díaz R, Galarza-Maldonado CM, Iglesias Gamarra AJ, Molina JF, Neira O, Silva CA, Vargas Peña A, Gómez-Puerta JA, Scolnik M, Pons-Estel GJ, Ugolini-Lopes MR, Savio V, Drenkard C, Alvarellos AJ, Ugarte-Gil MF, Babini A, Cavalcanti A, Cardoso Linhares FA, Haye Salinas MJ, Fuentes-Silva YJ, Montandon de Oliveira E Silva AC, Eraso Garnica RM, Herrera Uribe S, Gómez-Martín D, Robaina Sevrini R, Quintana RM, Gordon S, Fragoso-Loyo H, Rosario V, Saurit V, Appenzeller S, Dos Reis Neto ET, Cieza J, González Naranjo LA, González Bello YC, Collado MV, Sarano J, Retamozo S, Sattler ME, Gamboa-Cárdenas RV, Cairoli E, Conti SM, Amezcua-Guerra LM, Silveira LH, Borba EF, Pera MA, Alba Moreyra PB, Arturi V, Berbotto GA, Gerling C, Gobbi CA, Gervasoni VL, Scherbarth HR, Brenol JCT, Cavalcanti F, Costallat LTL, Da Silva NA, Monticielo OA, Seguro LPC, Xavier RM, Llanos C, Montúfar Guardado RA, Garcia de la Torre I, Pineda C, Portela Hernández M, Danza A, Guibert-Toledano M, Reyes GL, Acosta Colman MI, Aquino AM, Mora-Trujillo CS, Muñoz-Louis R, García Valladares I, Orozco MC, Burgos PI, Betancur GV, Alarcón GS; Grupo Latino Americano de Estudio del Lupus (GLADEL) and Pan-American League of Associations of Rheumatology (PANLAR). First Latin American clinical practice guidelines for the treatment of systemic lupus erythematosus: Latin American Group for the Study of Lupus (GLADEL, *Grupo Latino Americano de Estudio del Lupus*)-Pan-American League of Associations of Rheumatology (PANLAR). *Ann Rheum Dis*. 2018 Nov;77(11):1549-1557. doi: 10.1136/annrheumdis-2018-213512. Epub 2018 Jul 25. PMID: 30045853; PMCID: PMC6225798.
2. Vieira-Sousa E, Cavaleiro J, Mourão AF, Rodrigues AM, Albino-Teixeira A, Pimentel-Santos FM, Oliveira-Ramos F, Canhão H, Polido-Pereira J, Fonseca JE, Pereira da Silva JA, Romeu JC, Melo Gomes J, Costa L, Graça L, Leandro MJ, Santos MJ, Machado PM, Ramiro S. *Acta Reumatológica Portuguesa: perspectives in 2017*. *Acta Reumatol Port*. 2017 Apr-Jun;42(2):110-111. English. PMID: 28693032.
3. Filippucci E, Cipolletta E, Mashadi Mirza R, Carotti M, Giovagnoni A, Salaffi F, Tardella M, Di Matteo A, Di Carlo M. Ultrasound imaging in rheumatoid arthritis. *Radiol Med*. 2019 Nov;124(11):1087-1100. doi: 10.1007/s11547-019-01002-2. Epub 2019 Mar 9. PMID: 30852792.
4. Miranda Limón JM. *Rheumatological Therapy in Prehispanic Mesoamerica*. *Reumatol Clin (Engl Ed)*. 2020 Nov 27;S1699-258X(20)30241-2. English, Spanish. doi: 10.1016/j.reuma.2020.09.008. Epub ahead of print. PMID: 33257236.

5. D'Agostino MA, Terslev L, Aegerter P, Backhaus M, Balint P, Bruyn GA, Filippucci E, Grassi W, Iagnocco A, Jousse-Joulin S, Kane D, Naredo E, Schmidt W, Szkudlarek M, Conaghan PG, Wakefield RJ. Scoring ultrasound synovitis in rheumatoid arthritis: a EULAR-OMERACT ultrasound taskforce-Part 1: definition and development of a standardised, consensus-based scoring system. *RMD Open*. 2017 Jul 11;3(1):e000428. doi: 10.1136/rmdopen-2016-000428. PMID: 28948983; PMCID: PMC5597799.
6. Collado Ramos P. Enfermedad reumatológica en la infancia. *Reumatol Clin*. 2006 May;2(3):117-8. Spanish. doi: 10.1016/S1699-258X(06)73031-5. Epub 2008 Dec 10. PMID: 21794313.
7. Filippucci E, Di Geso L, Grassi W. Progress in imaging in rheumatology. *Nat Rev Rheumatol*. 2014 Oct;10(10):628-34. doi: 10.1038/nrrheum.2014.145. Epub 2014 Sep 9. PMID: 25201383.
8. Filippucci E, Di Geso L, Girolimetti R, Grassi W. Ultrasound in crystal-related arthritis. *Clin Exp Rheumatol*. 2014 Jan-Feb;32(1 Suppl 80):S42-7. Epub 2014 Feb 17. PMID: 24528621.
9. Marson P, Rippa Bonati M. Paleopatologia reumatologica oggi [Today's rheumatological paleopathology]. *Reumatismo*. 2003;55(1):1-4. Italian. PMID: 12649694.
10. Tornero-Molina J, Sánchez-Alonso F, Fernández-Prada M, Bris-Ochaita ML, Sifuentes-Giraldo A, Vidal-Fuentes J. Tele-Rheumatology during the COVID-19 pandemic. *Reumatol Clin (Engl Ed)*. 2022 Mar;18(3):157-163. doi: 10.1016/j.reumae.2020.10.002. Epub 2021 Jun 2. PMID: 34088655; PMCID: PMC8169323.
11. Salvarani C, Macchioni P, Boiardi L. Polymyalgia rheumatica. *Lancet*. 1997 Jul 5;350(9070):43-7. doi: 10.1016/S0140-6736(97)05001-0. PMID: 9217726.
12. Madry H, Kon E, Condello V, Peretti GM, Steinwachs M, Seil R, Berruto M, Engebretsen L, Filardo G, Angele P. Early osteoarthritis of the knee. *Knee Surg Sports Traumatol Arthrosc*. 2016 Jun;24(6):1753-62. doi: 10.1007/s00167-016-4068-3. Epub 2016 Mar 21. PMID: 27000393.
13. Vieira-Sousa E. Acta Reumatológica Portuguesa 2014-2020: 6 years at a glance. *Acta Reumatol Port*. 2020 Apr-Jun;45(2):87-88. English. PMID: 32895349.
14. Cunha Miranda L. Acta Reumatológica Portuguesa: the future is digital. *Acta Reumatol Port*. 2018 Apr-Jun;43(2):78-79. English. PMID: 30091951.